

ELO-CÚ-BRAÇÕES BIOFILOSÓFICAS SOBRE AULAS DE ANATOMIA HUMANA: INFLEXÕES BASEADAS NO MANIFESTO CONTRASSEXUAL

ELO-CÚ-BRAÇÕES ABOUT HUMAN ANATOMY CLASSES: INFLECTIONS BASED ON THE COUNTERSEXUAL MANIFESTO

ELO-CU-BRACIONES BIOFILOSÓFICAS SOBRE LAS CLASES DE ANATOMÍA HUMANA: INFLECCIONES BASADAS EN EL MANIFIESTO CONTRASEXUAL

Gabriel Ribeiro¹, Pablo Enrique Abraham Zunino²

Resumo

Neste ensaio mapeamos alguns ditos, e possíveis não-ditos em aulas de Anatomia Humana, utilizando como pontos de ancoragem para esta discussão (in)certas estruturas que compõem os corpos humanos. As análises foram desenvolvidas à luz do pensamento de Paul Beatriz Preciado, sobretudo na obra intitulada Manifesto Contrassexual (2014). Nesse percurso teórico, por intermédio das seções “Entre Digerir e Gozar” e “Por que a mão não é considerada um órgão sexual?”, foram apontadas linhas de fuga para a operacionalização de outras práticas pedagógicas, mais sensíveis, acolhedoras e problematizadoras, no ensino desse componente curricular.

Palavras-chave: Corpo Humano; Relações de Gênero; Sexualidade.

Abstract

In this essay we map out some sayings and possible unsaid in Human Anatomy classes, using (in)certain structures that make up human bodies as anchor points for this discussion. The analyzes were developed in the light of the thought of Paul Beatriz Preciado, especially in the work entitled Countersexual Manifesto (2014). In this theoretical path, through the sections “Between Digesting and Enjoying” and “Why is the hand not considered a sexual organ?”, lines of escape were pointed out for the operationalization of other pedagogical practices, more sensitive, welcoming and problematizing, in the teaching this curricular component.

Keywords: Human Body; Gender Relations; Sexuality.

Resumen

En este ensayo trazamos algunos dichos y posibles no dichos en las clases de Anatomía Humana, utilizando (in)ciertas estructuras que componen los cuerpos humanos como puntos de anclaje para esta discusión. Los análisis se desarrollaron a la luz del pensamiento de Paul Beatriz Preciado, especialmente en la obra titulada Manifiesto Contrassexual (2014). En este recorrido teórico, a través de los apartados “Entre digerir y gozar” y “¿Por qué la mano no es considerada un órgano sexual?”, se señalaron líneas de escape para la operacionalización de otras prácticas pedagógicas, más sensibles, acogedoras y problematizadoras, en la enseñanza de este componente curricular.

Palabras clave: Cuerpo Humano; Relaciones de Género; Sexualidad.

¹ Doutor em Ciências da Educação - Universidade do Minho, Braga - Portugal - Professor Associado - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Cruz das Almas, BA - Brasil. E-mail: fta_gabrielribeiro@ufrb.edu.br

² Doutor em Filosofia - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil. Estágio de pesquisa - Université Paris I Panthéon-Sorbonne. Professor - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Cruz das Almas, BA - Brasil. E-mail: pablo@ufrb.edu.br

*Um grito de estrelas vem do infinito. E um bando de luz repete o grito.
Todas as cores e outras mais. Procriam flores astrais.
João Ricardo C. Teixeira Pinto e João Apolinário Teixeira Pinto.*

1 Movimentos Introdutórios

Entre secos e molhados, iniciamos esta tessitura que pretende reverberar o grito de tantas flores astrais e seus lindos espectros de cor, como Paul Beatriz Preciado (1970-), uma das principais referências dos estudos queer e de gênero. Conforme destaca Liblik (2016), ele teve a coragem intelectual de sustentar a tese segundo a qual tanto as masculinidades como as feminilidades estão sujeitas às tecnologias sociopolíticas de construção e controle dos corpos. Justamente no livro intitulado *Manifesto Contrassexual* (2014), publicado há mais de duas décadas, o autor mostra como funciona essa “tecnologia social heteronormativa” por meio das instituições linguísticas, médicas e domésticas; forjando corpos-homem e corpos-mulher, como uma verdadeira máquina de produção de seres e devires através da invocação performativa de sujeitos como corpos sexuados.

Assim, o escritor nos induz a pensar, a partir do trabalho de Michel Foucault (2001a), o sexo como uma tecnologia biopolítica, isto é, um sistema complexo de estruturas reguladoras originado no século XVIII, que controla a relação entre os corpos, as máquinas orgânicas (línguas, mãos, pênis etc.) e inorgânicas (cintos de castidade, preservativos, dildos etc.) e os usuários. Faz-se necessário então compreender que essas tecnologias do sexo e do gênero:

[...] não existem, isoladamente ou de maneira específica, sem fazer parte de uma biopolítica mais ampla, que reúne tecnologias coloniais de produção do corpo-europeu-heterossexual-branco. Desse modo, o novo corpo masturbador, ameaçado por uma contaminação interna a seus próprios limites, opera também como uma metáfora fisiológica dos novos estados modernos em pleno período de expansão colonial (Preciado, 2014, p. 103).

Essas e outras palavras presentes no referido texto nos afetam de distintas maneiras. Se considerarmos que ambos os autores deste ensaio são professores universitários – um de Anatomia Humana e outro de Filosofia –; ambos enquadrados na categoria privilegiada do homem-branco-cisgênero-heterossexual-classe média, cabe problematizar alguns desdobramentos acerca deste último ponto. Obviamente, não pretendemos, e quiçá seja impossível, despir-nos das outras identidades de modo absoluto e dos privilégios a elas associados. No entanto, desde a perspectiva do trabalhador da educação, não podemos furtar-nos a fazer certas elo-cú-brações biofilosóficas.

De antemão, concordamos com a posição de Deleuze, citado por Preciado (2014, p. 177), para quem é “possível pensar ou escrever transversalmente sobre certos fenômenos sem passar pela experiência real, do mesmo modo que é possível viajar sem sair do lugar”. Isso nos desloca, visto que não se trata de decidir ou julgar quem pode ou não pensar e falar sobre determinado assunto, e sim, como criar as condições de possibilidade para que todos falemos.

Dito isso, reiteramos que o presente texto foi escrito para lidar com a torrente de sentimentos (mal-estar ou culpa moral, prazer, emoção estética, agitação etc.) advinda da leitura do Manifesto Contrassexual, “um texto performativo, situando-se nas fronteiras e bordas entre teoria, prática e ensaio” (Liblik, 2016, p. 653). Essa leitura suscitou um movimento interpretativo, ainda incipiente, capaz de nos levar a refletir sobre algumas violências perpetradas no ensino de Anatomia Humana.

A partir de agora, portanto, passarei a escrever em primeira pessoa do singular, assumindo a perspectiva autocrítica do professor de anatomia, que participa da formação de professores de Biologia, e de bacharéis em Biologia, e que se defronta com o texto de Preciado (2014). É importante sublinhar que reconheço a essência violenta desse componente curricular, característica patente na própria etimologia da palavra anatomia, nos métodos de trabalho e pesquisa deste campo, como a dissecação e a vivissecação, nas formas de obtenção dos corpos (e quais corpos), entre outros aspectos (Guerrini, 2015). Entretanto, este trabalho centra-se, mas não apenas, nas violências sobre os corpos que perturbam a cartilha essencialista prescritora do alinhamento sexo-gênero-orientação sexual, ou seja:

[...] corpos que ameaçam a coerência do sistema sexo/gênero até o ponto de submetê-los a processos cirúrgicos de “cosmética sexual” (diminuição do tamanho do clitóris, aumento do tamanho do pênis, fabricação de seios de silicone, refeminilização hormonal do rosto etc.) (Preciado, 2014, p. 29).

O destaque que este pesquisador concede às estruturas anatômicas (mão, boca, ânus, clitóris, pênis etc.), na construção de seus argumentos, contribuiu de maneira substantiva para que eu pudesse (re)pensar como alguns dos discursos (não)enunciados em aulas de Anatomia Humana são capazes de invisibilizar diversos corpos falantes, violências explícitas, em geral despercebidas por aqueles que a cometem. Por exemplo, reduzir a função anal aos aspectos digestivos é uma forma, entre tantas outras, de dissimular algumas práticas sexuais estrangeiras a égide heteronormativa. Entre os argumentos de Paul Preciado destaco o posicionamento em torno da existência de órgãos sexuais, em si:

Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas. A arquitetura é política. E ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas. (Preciado, 2014, p. 31).

Com base nestes elementos, analisarei dimensões desta arquitetura política (ânus, próstata, mãos etc.) que organiza as práticas e as qualifica, no contexto do componente curricular Anatomia Humana. A partir disso, pergunto: que discussões sobre os corpos (não) integram a esfera pública, institucional e social, das salas de aula deste componente? Ou mais, como esta disciplina compõem-se como referência epistêmica-política nesta trama moderna heteronormativa? Nesta direção, o objetivo deste ensaio é mapear alguns ditos, e possíveis não-ditos em aulas de Anatomia Humana, utilizando como pontos de ancoragem para esta discussão (in)certas estruturas que compõem os corpos humanos.

Nesta abordagem partirei da ideia de que no “sistema capitalista heterocentrado, o corpo funciona como uma prótese-total a serviço da reprodução sexual e da produção de prazer genital” (Preciado, 2014, p. 59). Como professor de Anatomia Humana, focalizarei minhas análises em estruturas anatômicas como ânus, próstata, glândula bulbouretral e mãos com a intenção de apontar “linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1997) – não de “evasão, mas [de] criação de uma exterioridade crítica [...] através da qual a subjetividade e o desejo podem voltar a fluir” (Preciado, 2020b, p. 203, supressão nossa) – desta ordem, operacionalizáveis em contextos de formação cidadã, associados ao ensino sobre os corpos humanos.

A pretensão é dispersar algumas sementes com o intuito de favorecer a abertura às múltiplas formas de vivenciar o corpo, o gênero e a sexualidade, que podem ser obstruídas nas práticas docentes, em cada (im)perceptível situação didática.

A partir das operações de reconhecimento do conjunto de cenas e tecnologias que permitem que esses corpos desejanos tenham sido vistos, explicitados, exteriorizados, é possível estabelecer alianças com outras linguagens e outras performances capazes de construir a verossimilhança e as condições para que esses corpos-falantes sejam citados, reproduzidos, reconfigurados (Augusto; Neira, 2021, p. 4).

Face aos aspectos mencionados, o ensaio foi estruturado em três seções, além desta introdução: (i) a primeira intitula-se “Entre digerir e gozar” e trata-se de um segmento textual em que a dimensão erótica do ânus é problematizada em diálogo com outras estruturas anatômicas; (ii) a segunda, denominada “Por que a mão não é considerada um órgão sexual?”, interroga a centralidade da genitália nas sexualidades humanas; e a (iii) terceira, “Período quase refratário”, constitui-se como um momento de reflexão sobre o papel educativo das elo-cúbrações biofilosóficas, mas, também, um espaço que projeta cenários para a continuidade das investigações em torno da obra de Paul Beatriz Preciado.

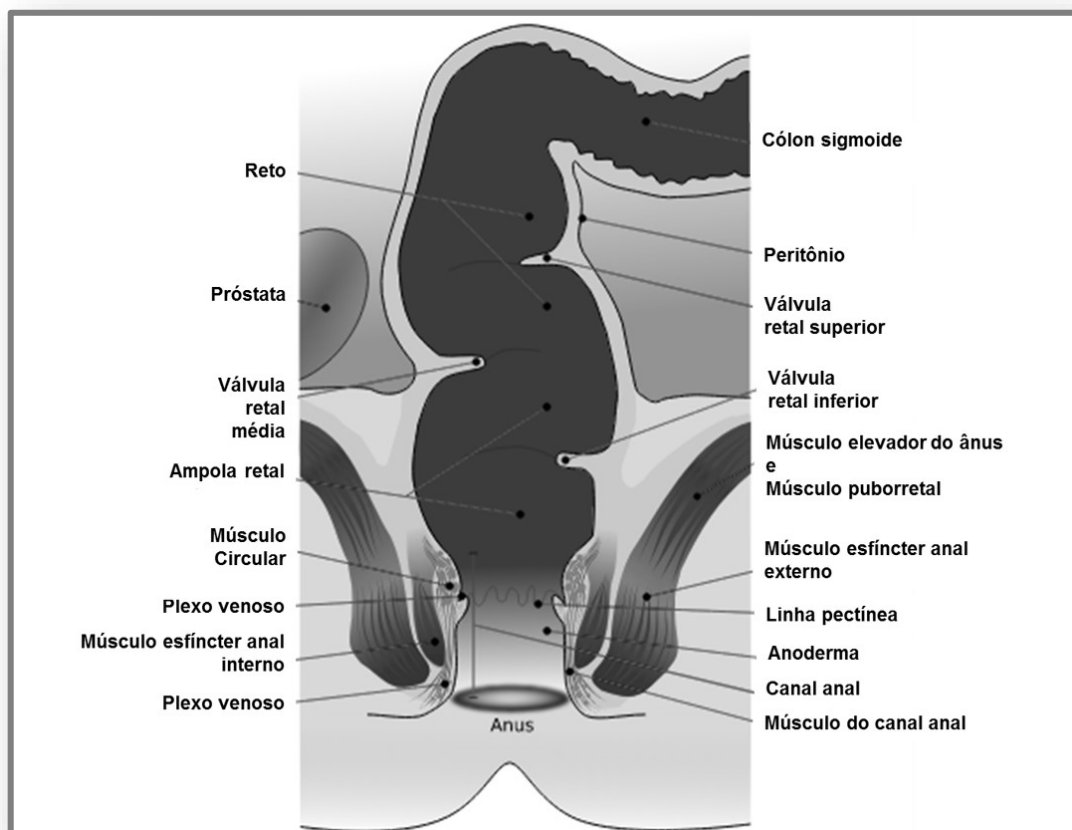
2 Entre Digerir e Gozar

Nesta seção farei alguns apontamentos sobre o tratamento geralmente dispensado ao ânus – aqui tratado como o conjunto formado pelo reto, canal anal e ânus –, à próstata e à glândula bulbouretral, nas aulas de Anatomia Humana. Recorrerei ao exercício simples de descrever, textualmente e imagetivamente, características destas estruturas. Em seguida, traçarei considerações sobre possíveis silenciamentos no trabalho educacional realizado em torno destas regiões anatômicas.

Na Figura 1 podemos observar um tipo de imagem mobilizada para ilustrar a anatomia do ânus e canal anal. Entre as várias descrições possíveis dessa região, considerando a vasta literatura no âmbito da anatomia humana, utilizarei uma extraída de Marieb, Wilhelm e Mallat (2014) – texto anatômico mais atual –, em que suprimo as menções que os autores fazem a imagens de seu próprio texto:

A parede do canal anal contém dois músculos esfínteres: o esfíncter interno do ânus de músculo liso e o esfíncter externo do ânus de músculo esquelético [...]. O primeiro é um espessamento da camada circular da muscular, enquanto que o último é um músculo diferente [...]. O esfíncter externo contrai voluntariamente para inibir a defecação, enquanto que o esfíncter interno contrai involuntariamente, tanto para impedir que as fezes saiam do ânus entre as defecações quanto para inibir a defecação durante o estresse emocional. Quando treinam para aprender a usar o banheiro, as crianças aprendem a controlar o esfíncter externo do ânus (Marieb; Wilhelm; Mallat, 2014, p. 731, supressões nossas).

Figura 1: Secção frontal da porção final do intestino grosso de um corpo humano.



Fonte: Google - Licença Creative Commons
(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rectum_anatomy_de_01.svg)

A descrição textual acima, que integra o capítulo referente ao sistema digestório e que, portanto, já delimita um campo de possibilidades dos discursos referentes ao ânus, caracteriza o papel dos músculos que compõem a região anal (ver Figura 1) no controle da saída das fezes. Percebe-se, então, que nesta narrativa do ânus-controlador-digestor são fagocitados outros usos dados a este órgão, como aqueles associados às práticas sexuais não reprodutivas, sejam elas com a participação de mais de uma pessoa (heterossexuais, homossexuais, bissexuais etc.) ou individuais, com recurso a estruturas orgânicas, como os dedos, ou inorgânicas, como os dildos de plástico. E, assim, é nesse espaço de transformação plástica:

[...] que aparecem as primeiras práticas contrassexuais como possibilidades de uma deriva radical com relação ao sistema sexo/gênero dominante: a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais S&M (sodomasoquistas), para citar ao menos três momentos de mutação pós-humana do sexo (Preciado, 2014, p. 31).

A partir disso coloco algumas questões aos anatomistas: Quando começaremos a falar do ânus como estrutura anatômica relacionada à sexualidade? E se passamos a falar, no seio de uma anatomia sistêmica – que “considera a estrutura dos principais sistemas de órgãos do corpo humano, como os sistemas esquelético e muscular. Os sistemas são grupos de órgãos que funcionam em conjunto para produzir efeitos coordenados” (Martini; Timmons; Tallitsch, 2009, p. 3) –, junto à qual sistema de órgãos trataremos desta região, enquanto sexual? Ao dialogarmos sobre o sistema digestório ou genital? Que projeto de sociedade continuaremos a (re)produzir, excluindo (in)voluntariamente algumas sexualidades de nossas salas de aula?

A exclusão de certas relações entre gêneros e sexos, assim como a designação de certas partes do corpo como não sexuais (mais particularmente o ânus; como Deleuze e Guattari mostraram, “o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado fora do campo social”) são as operações básicas da fixação que naturalizam as práticas que reconhecemos como sexuais. A arquitetura do corpo é política (Preciado, 2014, p. 31).

Nesta direção, ainda hoje podemos afirmar que a penetração do ânus é uma questão de perigo, pois, mesmo nas situações consentidas, para muitos isto levaria a um rebaixamento do status da pessoa penetrada. Em nossa cultura ocidental, de forma paradoxal, parece que compreendemos o ânus como uma estrutura menos contaminante do que contaminável. Além disso, em sentido metafórico, o ânus pode ser considerado um centro, uma base, da qual nossa dignidade depende, devendo ser protegido, ou tudo erguido sobre ele desmorona (Miller, 1997). Ainda, em termos metafóricos, o ânus “pode ser visto como a porta de entrada para o espaço mais privado, para o mais pessoal de todos. Significa a remoção de todas as barreiras da alteridade” (Miller, 1997, p. 101, tradução nossa).

Na perspectiva defendida por Preciado (2014), o ânus pode ser encarado como um centro transitório de um trabalho que visa a desconstrução contrassexual, por distintas razões, que poderiam ser consideradas, inclusive, por professores de Anatomia Humana. Em primeiro lugar, trata-se de um centro erógeno universal, para além dos ditames anatômicos frutos da política de diferença sexual. Em segundo plano, é uma zona primordial de passividade, que excita e produz prazer, embora não figure na lista de pontos anatômicos orgásticos. Por fim, o

trabalho com o ânus não está fundado em uma performance que mira a reprodução, nem é romântico, portanto, seus benefícios não podem ser aferidos em uma economia heterocentrada: “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (Preciado, 2014, p. 32).

O ânus considerado como centro produtor de prazer não tem gênero e, portanto, acaba por produzir um curto-circuito na cisão entre os sexos, servindo como uma espécie de redemoinho universal que traga os gêneros, os sexos, as identidades e o capital. Entretanto, no conjunto de nossas ficções somáticas ocidentais, é digno de nota que, enquanto a parte superior do tubo digestório, a boca, emite sinais públicos (quando masculina), a parte inferior, o ânus, privado e impenetrável (quando masculino), cercado pela subjetividade heterossexual, traduz-se no corpo socialmente privilegiado (Preciado, 2018).

Se uma das noções-chave que sustentam o feminino é a acessibilidade via penetrabilidade, e a noção correspondente para o masculino é a inviolabilidade via impenetrabilidade, então o ânus feminino pode não suportar a sobrecarga de significado que o masculino carrega. As mulheres esperam que uma certa quantidade de penetração venha com o território da feminilidade. É condição necessária da ação feminina mais definitiva: a parturição. Como os corpos das mulheres são penetráveis por design, a questão sobre onde a penetração deve ocorrer é mais sobre a propriedade do local do que sobre a questão da penetrabilidade em si mesma. O ânus feminino nunca pode ser sua vagina; é, na melhor das hipóteses, uma cópia de segurança, um segundo lacre, mas o ânus de um homem é sua única vagina: penetrável e capaz, num sentido pensado por Freud, de dar à luz, com fezes como o bebê (Miller, 1997, p. 101, tradução nossa).

Para tentar provocar pequenas fissuras – e porque não hemorroidas? – nas veias deste sistema tradicional da representação sexo/gênero, venho construindo espaços em minhas aulas de Anatomia Humana para discutir outros papéis atribuídos ao ânus em nossa sociedade ocidental. Este trabalho tem ocorrido no contexto das discussões sobre a digestão, quando me refiro às estruturas que compõem a porção final do intestino grosso, que não apenas expulsam conteúdos alimentares digeridos, mas também são capazes de receber diferentes máquinas orgânicas ou inorgânicas, na acepção preciadiana, em diferentes movimentos que envolvem os sexos anais.

Também contemplo em minhas aulas outras abordagens sobre o ânus, e o sexo anal, ao dialogar com os estudantes a partir de uma pesquisa biomédica que orientei sobre esta temática (Ferreira et al., 2010) e quando trato do sistema genital e problematizo o exame de toque retal da próstata (ver esta estrutura na Figura 1), algo que ainda desafia as performances heteronormativas. Seguindo nesta direção, ao tratar da próstata em aulas de Anatomia Humana, é possível abordar não apenas a sua função reprodutiva, relacionada à constituição do sêmen e à ejaculação masculina, mas seu papel recreativo, ou seja, seu envolvimento no êxtase do orgasmo. Entretanto, o fragmento abaixo ilustra o que geralmente é apresentado aos discentes nesse componente curricular, inferência baseada no diálogo com os pares e na observação de suas práticas, ao longo de uma carreira docente de quase duas décadas de ensino de Anatomia Humana:

A próstata é um órgão muscular pequeno, arredondado, com diâmetro de aproximadamente 4 cm. A próstata circunda a parte prostática da uretra, desde o ponto em que emerge da bexiga urinária [...]. O tecido glandular da próstata consiste em um aglomerado de 30 a 50 glândulas tubuloalveolares compostas [...] A próstata produz líquido prostático, uma secreção levemente ácida que contribui com 20 a 30% para o volume do sêmen. Além de vários outros compostos de importância variável, as secreções prostáticas contêm plasmina seminal, um antibiótico que pode auxiliar na prevenção de infecções do trato urinário em homens (Martini; Timmons; Tallitsch, 2009, pp. 723 e 725, supressões nossas).

Obviamente, discursos como estes são esperados em livros e aulas de Anatomia Humana, e devem ser enunciados, mas porque seu papel recreativo não pode vir à tona? Para autores como Levin (2018) – não que a ciência médica precisasse validar tais experiências – “há pouca dúvida de que estimular a próstata através da parede retal pode criar sensações de êxtase que são excepcionalmente prazerosas, muitas vezes superando as obtidas pela estimulação peniana” (Levin, 2018, p. 85, tradução nossa).

Embora não se saiba o exato mecanismo pelo qual a estimulação da próstata, por meio do ânus, provoca orgasmos intensos, algumas hipóteses são levantadas e podem ser problematizadas nas aulas. A primeira sugere que isto se deve aos nervos que passam ao longo da superfície externa da glândula (plexo prostático), enquanto outros propõem que é a própria inervação prostática o agente causador, por fim, outros referem uma possível “religação” do cérebro necessária para apreciar os efeitos da estimulação deste órgão (Levin, 2018). Poderíamos nos perguntar: Quais seriam as razões para estas hipóteses de pesquisa não serem investigadas?

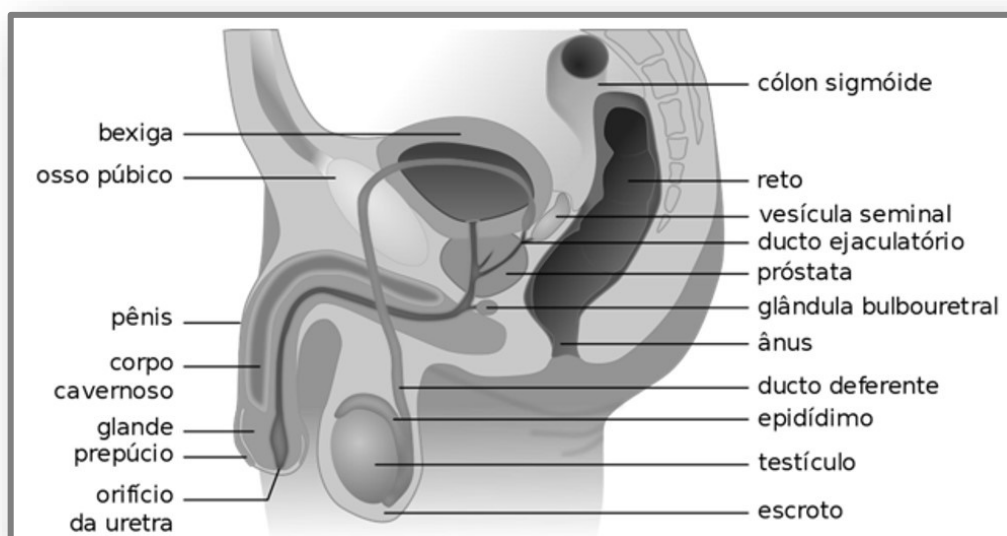
Certamente a resposta reside no conjunto de práticas de subjetivação que integram o nosso sistema capitalista heterocentrado e que repercutem, inclusive, nos tipos de pesquisa que devem ser financiadas. Estas operações da tecnociência foram denunciadas por Preciado (2014, 2018 e 2020b) de distintas formas. O seguinte trecho da pesquisa de Levin (2018) torna explícita essa perspectiva:

O que fica claro, porém, é a reticência da comunidade científica em estudar o fenômeno, possivelmente por envolver a necessidade de inserção e estimulação retal. Por que, para um exemplo óbvio, ainda não tivemos nenhuma imagem cerebral de orgasmos estimulados pela próstata para que possamos compará-los com orgasmos penianos? Quem vai liderar o desafio? (Levin, 2018, p. 84, tradução nossa).

Para finalizar esta seção abordarei uma terceira estrutura anatômica, a glândula bulbouretral (ver Figura 2), que, de acordo com o olhar a ser desenvolvido na sequência, pode ampliar o leque de sexualidades representadas em uma aula de Anatomia Humana. Seguindo o rito metodológico empregado anteriormente, exponho abaixo uma descrição anatômica tradicional desta glândula:

O par de glândulas bulbouretrais, ou glândulas de Cowper, está localizado junto à raiz do pênis, coberto pela membrana do períneo [...]. As glândulas bulbouretrais são arredondadas, com diâmetro aproximado de 10 mm. O ducto de cada glândula faz trajeto paralelo à parte esponjosa da uretra por 3 a 4 cm antes de esvaziar-se na cavidade da uretra. As glândulas e os ductos são revestidos por epitélio colunar simples. Essas glândulas mucosas tubuloalveolares compostas [...] secretam um muco alcalino, espesso e viscoso. **Esta secreção contribui para a neutralização de ácidos da urina que possam permanecer na uretra e oferece lubrificação à extremidade do pênis** (Martini; Timmons; Tallitsch, 2009, p. 725, supressões e grifos nossos).

Figura 2: Secção sagital da pelve de um corpo humano.



Fonte: Google - Licença Creative Commons (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Male_anatomy_pt.svg)

O trecho grifado na citação acima pode ter distintos desenvolvimentos em uma sala de aula. Em geral, quando esta glândula é descrita, e sua função de lubrificar a glândula do pênis é mencionada, a única direção do discurso é referir que sua secreção contribui para a penetração do pênis na vagina. Um excerto retirado de um artigo de revisão de literatura sobre a glândula bulbouretral esclarece e fundamenta esta minha percepção: “Este fluido neutraliza a acidez do resíduo de urina na uretra, ajuda a neutralizar a acidez da vagina e fornece alguma lubrificação para a ponta do pênis durante a relação sexual (Chughtai et al., 2005, p. 75).

Depreende-se dessa afirmação que o pênis se dirige (ou é dirigido?) para um único fluxo, o encontro com a vagina, ou seja, retornamos a eterna naturalização dos corpos, também operacionalizada pela instituição Medicina. Alguns poderiam contra-argumentar, referindo que o volume secretado pela glândula bulbouretral seria insuficiente para lubrificar outro orifício, como o ânus e, portanto, a ela não caberia este papel. Entretanto, a questão central não é essa, inclusive porque uma vagina pode estar seca e um ânus pode ser lubrificado, mas a essencialização dos corpos e de seus pontos de encontro.

A tecnologia sexual é uma espécie de “mesa de operações” abstrata na qual se leva a cabo o recorte de certas zonas corporais como “órgãos” (sexuais ou não, reprodutivos ou não, perceptivos ou não etc.): a boca e o ânus, por exemplo, são designados como o ponto de entrada e o ponto de saída sem os quais o aparelho digestivo não pode encontrar sua coerência como sistema; a boca e o ânus raramente são designados como partes do sistema sexual/reprodutivo (Preciado, 2014, p. 127-128).

E se as aulas de Anatomia Humana seguem esta direção, silenciando corpos e práticas, podemos nos perguntar: Essa secreção da glândula bulbouretral não teria alguma serventia no sexo anal peniano, seja ele heterossexual ou homossexual? Tal lubrificação não é expelida, por exemplo, antes do gozo advindo de uma masturbação, sem que haja uma penetração peniana? Ou seja, todo gozo requer um buraco? Em vias de encerramento desta seção, lanço o posicionamento ácido e transgressor do filósofo, que perpassa por estas questões:

As substâncias chamadas “naturais” (testosterona, estrógeno, progesterona), os órgãos (as partes genitais macho e fêmea) e as reações físicas (ereção, ejaculação, orgasmo etc.) devem ser consideradas como poderosas “metáforas políticas” cuja definição e controle não podem ser deixadas nem nas mãos do Estado nem na das instituições médicas e farmacêuticas heteronormativas (Preciado, 2014, p. 40).

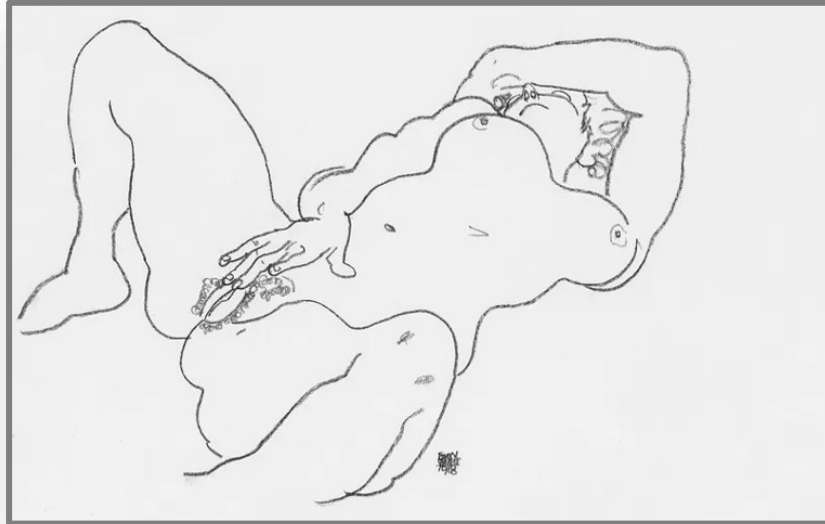
Por falar em mãos, penso que no espetáculo teatral performativo das nossas sexualidades elas podem ser protagonistas nos atos que pretendem encenar os processos de desgenitalização das sexualidades. E por que os textos destes atos não podem ser lidos nas minhas aulas de Anatomia Humana? O que me impede de criar outros enredos neste “espetáculo didático”? Estes atos de criação poderiam repercutir no aumento do público pagante desta peça? Imagino que sim, e inicio a próxima seção com uma pergunta que abre o segundo ato. De mãos dadas com Deleuze e Guattari (1997), será necessário sacudir o plano de imanência, onde os órgãos e funções são desestratificados, desterritorializados, em um devir que a todo tempo é vigiado/obstruído pelo plano de organização que faz dos órgãos e funções estratos ou relação entre estratos.

3 Por que a mão não é considerada um órgão sexual?

Em termos anatômicos, a mão geralmente é definida como a porção do membro superior, distal ao antebraço e unida a este por intermédio da articulação do punho. Trata-se de uma delicada trama ósteoarticular, muscular e neurovascular responsável por diversos movimentos, entre eles, apreensão com manuseio de precisão, efetuada para segurar um lápis ou manipular uma moeda, pinçamento, realizado para segurar uma xícara entre os dedos indicador e polegar (Moore; Dalley, 2019) e flexão/extensão dos dedos (indicador, médio etc.), utilizada para tocar/estimular o clitóris durante a masturbação (Figura 3). Do ponto de vista evolutivo, esses e outros movimentos, possíveis em decorrência do bipedalismo, armaram “o palco para a seleção subsequente baseada no fabrico de ferramentas” (Lieberman, 2015, p. 48) ou máquinas inorgânicas, na perspectiva preciadiana.

É justamente na interface entre as máquinas inorgânicas e o complexo mão-masturbação (Figura 3) que pretendo continuar este texto, mas, antes disso, preciso fazer uma breve digressão que nos remete à pergunta que intitula a seção.

Figura 3: Mulher nua se tocando. Nu Reclinado.



Fonte: Google - Egon Schiele (1918). Licença Creative Commons
(<https://www.rawpixel.com/image/2683107/free-illustration-image-vagina-egon-schiele-line-art>)

As descrições referentes à mão, em livros de anatomia sistemática, normalmente situam-se nos capítulos associados aos sistemas esquelético, articular, muscular e tegumentar (ver, por exemplo, Marieb; Wilhelm; Mallat, 2014; Martini; Timmons; Tallitsch, 2009). Ao observar a Figura 3, e outras possíveis imagens que vêm às nossas cabeças, a partir desta observação, poderíamos nos perguntar: Por que a mão não poderia figurar nos capítulos que dialogam com os sistemas genitais? Ou mais adequadamente, com os sistemas sexuais, como propõe Jimena Furlani (2018), ao sustentar uma posição que concebe a sexualidade numa dimensão prazerosa – subtraída das aulas de Anatomia Humana e do contexto escolar – de gratificação sentimental e física.

Seria porque tais capítulos de livros-texto de Anatomia Humana são, verdadeiramente, capítulos sobre sistemas reprodutores? Ou seja, nossos livros-texto compõem o conjunto das tecnologias discursivas que definem as práticas sexuais como estratégias reprodutivas, apenas? Seguindo este tipo de orientação, estaríamos, nós, professores de Anatomia Humana, ou de componentes curriculares similares (Embriologia, Histologia e Fisiologia), reafirmando, também no campo da formação de professores, que “nossos corpos são reconhecidos apenas como potenciais produtores de óvulos ou espermatozoides, conduzidos a uma cadeia familiarfordista, na qual estão destinados a reproduzir-se?” (Preciado, 2020b, p. 268).

Com o apoio de Preciado (2014), vou dialogar com as questões acima, sem o intuito de respondê-las, separadamente e de forma objetiva, mas com interesse de tornar patente porque tais perguntas são necessárias em contextos de ensino sobre os corpos humanos, permeados, atualmente, por cenários transnacionais de esgarçamento das instituições democráticas e de flertes constantes com a estética fascista (Preciado, 2020b). Iniciarei pelo resgate histórico dos dispositivos que, ao tentarem o oposto, contribuíram para erigir a mão como órgão sexual.

As técnicas relacionadas com a repressão da masturbação – dispositivos elaborados nos séculos XVIII, XIX e início do XX – forjaram a construção de instrumentos (luvas, cintas etc.) destinados à separação entre a mão e o clitóris, obliterando, desta forma, uma potente fonte de prazer feminino. Muito mais grave, em *Os Anormais*, no texto que corresponde à aula de cinco de março de 1975, Foucault (2001b) relata procedimentos de extração do clitóris – e posterior cauterização com ferro quente do coto restante – utilizados no século XIX para controlar a masturbação de meninas (crianças). Nas palavras de Foucault (2001b):

[...] no mesmo momento em que se coloca a masturbação na ordem do dia moral, como diretriz quase primeira da nova ética da nova família, nesse mesmo momento, como vocês se lembram, inscreve-se a masturbação no registro não da imoralidade, mas da doença. Faz-se dela uma espécie de prática universal, uma espécie de “x” perigoso, desumano e monstruoso, de que toda doença pode derivar. De sorte que, necessariamente, liga-se esse controle parental e interno, que é imposto aos pais e as mães, a um controle médico externo (Foucault, 2001b, p. 316).

No interior desta (ir)racionalidade, o corpo humano foi encarado como entidade autorregulada, um circuito fechado e finito de energia, que encerra um conjunto de fluidos, como água, sangue e sêmen. Com base neste modelo, definiu-se que a energia finita não poderia ser desperdiçada em atividades sexuais capazes de provocar a perda destes fluidos, como a masturbação. Por consequência, o orgasmo foi interpretado como uma perda fútil de energia, que deveria ser canalizada para o trabalho ou à procriação (Preciado, 2014).

Uma análise fenomenológica dos objetos desenhados para evitar o contato evidencia o aparecimento de um novo órgão sexual, a mão, que ameaça a autonomia sexual dos órgãos genitais. Bullough identificou mais de vinte instrumentos diferentes cujo desenho teria por objeto prevenir a masturbação e que foram registrados como “cintos de castidade” ou como “instrumentos cirúrgicos” na U.S. Patent Office Records entre 1856 e 1917 (Preciado, 2014, p. 106).

O aspecto curioso destacado pelo pesquisador é que este conjunto de técnicas, objetos e instrumentos repressores é recontextualizado por sexualidades alternativas presentes nas subculturas gay, lésbica e sadomasoquista do século XX, e passa a servir como ritos de iniciação, a exemplo da perfuração do prepúcio peniano por um anel ou um piercing. Desta forma, ocorreu um giro, do corpo-objeto (fruto de discursos médicos, reprodutivos e morais) a um corpo-sujeito (fruto de discursos contra hegemônicos) que passa a regular os seus tempos e espaços de prazer.

Destarte, superado este longo período de tentativas de separação do par mão-clitóris – mas também de outros pares que não se unem com vistas à procriação, como os pares mão-orelha, mão-boca, mão-pescoço, mão-costas, mão-glúteos (máximo, médio e mínimo), mão-ânus, mão-pés...– outras cenas sexuais foram sendo (re)construídas, rompendo com a tecnologia falocêntrica-heterossexual-reprodutiva.

[...] a mão e o dildo, longe de serem imitações falocêntricas, abrem, antes, linhas de fuga. O dildo vibrador é, nesse sentido, uma extensão sintética da mão masturbadora/lésbica que conheceu a luva e a corrente, mas também da mão masturbadora/lésbica que conheceu o tato e a penetração. Por último, a cinta peniana poderia ser considerada como um órgão sexual sintético, ao mesmo tempo mão enxertada no tronco e extensão plástica do clitóris (Preciado, 2014, p. 120).

Uma das questões que me incomoda, enquanto professor de Anatomia Humana que participa da formação de professores de Biologia, é que entre a aparição da mão como órgão sexual e o reconhecimento/inclusão educacional, formal, dessa outra função de nossos quirodáticos, há um hiato a ser superado, que se prende, diretamente, ao distanciamento do erótico de nossas aulas. Aqui o erótico se restringe mais a sexualidade, diferente da compreensão ampliada de Hooks (2000). Em geral, presenciamos aulas de anatomia humana, onde, curiosamente, a separação corpo e mente impera, ou seja, o intelecto precisa entrar na sala de aula, expurgando os corpos (Hooks, 2000), para fazer com que as questões sobre o corpo sejam aprendidas. Assim, configuram-se espaços restritos de aprendizagem onde as paixões, os desejos, os pensamentos libidinosos, os erotismos são deixados do lado de fora, pelo menos na intenção docente.

Portanto, reforço que a apologia à sexualidade reprodutiva traz implicações e limitações diversas, como o preconceito a outras práticas sexuais, inclusive a masturbação (Furlani, 2018). Neste caminho, ainda não consigo imaginar como seria o novo registro/localização da mão nos manuais de anatomia sistêmica. Talvez isto nunca ocorra, e as transformações continuem sendo operacionalizadas de baixo para cima, por meio de microrrevoluções capitaneadas por discentes e docentes, como esta que está se passando enquanto escrevo estas linhas e vou repensando as minhas práticas de ensino e aprendizagem, que giram em torno de corpos humanos e que se pretendem contrárias à tendência dominante nos sistemas escolares.

A escola é o primeiro espaço de aprendizado da violência de gênero e sexual. [...] A escola é um campo de batalha para o qual são enviadas as crianças, com seu corpo delicado e seu futuro em branco como únicas armas, um teatro de operações no qual se trava uma guerra entre o passado e a esperança. A escola é uma fábrica de machinhos e de bichas, de gostosas e de gordas, de espertos e de retardados. A escola é a primeira frente da guerra civil: o lugar onde se aprende a dizer “nós, meninos, não somos como elas”. O lugar onde se marcam os vencedores e os vencidos com um signo que acaba por se transformar num rosto. A escola é um ringue no qual o sangue se confunde com a tinta e onde são recompensados os que sabem fazê-lo correr. Que importam os idiomas ensinados, se a única língua que se fala ali é a violência secreta e surda da norma? (Preciado, 2020b, p. 201)

Retornando à nossa mão, cabe refletir: Quais seriam os fatores que obstaculizam o tratamento desta estrutura anatômica como órgão sexual em livros e aulas de Anatomia Humana, e que precisam ser tensionados? De acordo com Preciado (2014), a mesa de atribuição da masculinidade e da feminilidade designa os órgãos sexuais, diretamente associados à genitália, como zonas definidoras da totalidade do corpo. Os outros órgãos, via de regra considerados não sexuais, como mão, boca e ânus, seriam apenas zonas periféricas.

Assim, a totalidade do corpo é construída a partir de um órgão sexual preciso, como o pênis e, portanto, um corpo que não possui sexo não faz sentido, torna-se um desvio da normalidade, uma monstruosidade, como muitos ainda, infelizmente, denominam as pessoas intersexo. Nesta perspectiva normatizadora, uma característica “anormal” torna-se a essência da pessoa (Hoquet, 2020).

Segundo essa lógica, a partir de um órgão periférico (o nariz, a língua, ou então os dedos, por exemplo) é impossível reconstruir a totalidade do corpo como sexuado. Assim, então, os órgãos sexuais não são somente “órgãos reprodutores”, no sentido de que permitem a reprodução sexual da espécie, e sim que são, também e sobretudo, “órgãos produtores” da coerência do corpo como propriamente “humano” (Preciado, 2014, p. 131).

Após esta exposição pautada em um painel sócio-histórico-cultural julgo que a questão que orienta esta seção foi, em certa medida, respondida. A partir dos elementos problematizados considero ser possível pensar em estratégias para integrar a mão e outras estruturas anatômicas ao âmbito dos órgãos sexuais, inclusive em nossos contextos de ensino sobre os corpos humanos. Embora este movimento do pensar ainda seja muito acanhado, tendo em conta os contrafluxos subversivos desenhados por nosso pensador espanhol, sigo tramando outras formas de ensinar Anatomia Humana a partir de uma perspectiva preciadiana, onde:

[...] o universo das sensibilidades e dos prazeres precisaria ser deslocado do órgão sexual masculino para outras áreas do corpo, invertendo, ou melhor, subvertendo a lógica heteronormativa que investe o pênis como o principal produtor de prazer para si e para @s outr@s (Liblik, 2016, p. 655).

Em seguida a essa masturbação intelectual, com a mão trêmula e satisfeita por perturbar, mesmo que sutilmente, o denso fluxo de energias do sistema capitalista, heterocentrado e genitalizado, entro em um período quase refratário. É sobre este momento, ao mesmo tempo (in)conclusivo e impulsionador, que escrevo na próxima seção.

4 Período Quase Refratário

A psicóloga Virginia Johnson (1925-2013) e o ginecologista William Masters (1915-2001), após longos e conturbados anos de pesquisa, descreveram o ciclo da resposta sexual humana, baseando-se, fundamentalmente, em aspectos fisiológicos. Nesta descrição consideraram quatro fases: excitação, platô, orgasmo e resolução. A última fase, seria acompanhada por um período denominado refratário, que levaria os corpos falantes, com pênis, ao necessário repouso, momento em que novas estimulações não seriam mais aceitas. Trata-se,

também, do tempo necessário para conseguir excitar-se outra vez e ter uma nova ereção, após o orgasmo (Masters; Johnson, 1966).

É neste período que me encontro em seguida as leituras e reflexões advindas dos textos de Paul Beatriz Preciado. Após gozar com o conjunto de sua obra, especialmente com o Manifesto Contrassexual, que impactou minhas vivências como ser humano-professor de Anatomia Humana, é preciso aquietar, desfrutar o momento, acender um cigarro – convém sublinhar que várias mulheres, cis, trans, não-binárias, acendem um cigarro após o orgasmo e, portanto, a ideia aqui não é reforçar um certo imaginário, masculinista, do pós-sexo – e não pensar em mais nada. Até que uma nova ereção surja no horizonte de novas pesquisas, neste eterno ciclo de excitação-frustração da nossa Era Farmacopornográfica:

[...] um novo regime de controle do corpo e da produção da subjetividade que emerge depois da Segunda Guerra Mundial, com o surgimento de novos materiais sintéticos para o consumo e a reconstrução corporal (como os plásticos e o silicone), a comercialização farmacológica de substâncias endócrinas para separar heterossexualidade e reprodução (como a pílula anticoncepcional, inventada em 1947) e a transformação da pornografia em cultura de massa (Preciado, 2020a, p. 117).

Em linhas gerais, por meio das seções “Entre Digerir e Gozar” e “Por que a mão não é considerada um órgão sexual?” persegui o objetivo deste ensaio, isto é, mapear alguns ditos, e possíveis não-ditos em aulas de anatomia, baseando-me em (in)certas estruturas que compõem os corpos humanos. Nesse percurso procurei apontar rotas, desvios, contrafluxos, linhas de fuga para a operacionalização de novas estratégias de ensino e aprendizagem no componente curricular Anatomia Humana. Como já afirmado, elucubro que as ideias aqui colocadas podem ser expandidas e contextualizadas em outros componentes, de natureza similar, e em outros níveis de ensino, como o ensino médio, no seio das discussões sobre as Ciências da Natureza, especificamente a Biologia.

Portanto, abre-se também um veio para desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis, acolhedoras, inclusivas e problematizadoras, orientadas para o convívio harmônico e respeitoso, mas não menos combativo, entre diferentes performances sexuais, complexas e cambiantes. Ademais, como nos ensina Boscatti (2021):

Embora existam inúmeras gaiolas que o poder e seus efeitos operacionalizam em modelos normativos, há também uma gramática protagonizada pelos dissidentes que pode superar a epistemologia da diferença racial e sexual, permitindo com que se crie novos regimes cognitivos que contemplem as inúmeras possibilidades de vida (p. 2).

E agora? Parece que vem vindo uma comichão, algo bulindo por dentro, rompendo o período refratário e acenando para a possibilidade de remexer ainda mais no complexo terreno dos corpos humanos, ou melhor, dos corpos falantes. Talvez, como professor de Fisiologia Humana, que também sou, poderei tratar melhor dos aspectos políticos e técnicos associados a uma molécula de fórmula $C_{19}H_{28}O_2$ e massa molar 288,43 g/mol, a testosterona. Será o momento de encarar a obra intitulada Teste Junkie (Preciado, 2018) e interrogar as complexas

relações entre ensino, uso de drogas (testosterona, progesterona, estrogênio, Cannabis sativa etc.), sexualidades e Era Farmacopornográfica?

Nesse livro o filósofo torna patente como “a influência da pornografia, e dos avanços da engenharia genética e da farmacologia no modo de ação do capitalismo contemporâneo permitiram a operacionalização do modo de reprodução e produção da vida” (Boscatti, 2021, p. 2). Assim, a exegese desta obra possibilitará entender a gênese e a produtividade do farmacopoder e do pornopoder, favorecendo a ampliação do conjunto de questões e reflexões colocadas ao longo do presente texto e, portanto, a instauração de novas elo-cú-braços, supostamente capazes de fortalecer os elos, os cú e os abraços, compartilhados entre os diversos corpos falantes que habitam as nossas salas de aula e os espaços além dela.

Referências

- ANITA, Guerrini. **The courtiers' anatomists: animals and humans in Louis XIV's Paris**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.
- AUGUSTO, Cyndel Nunes; NEIRA, Marcos Garcia. (Um) currículo cultural contrassexual? Movimentos que possibilitam corpos em trânsito. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. 1-8, 2021.
- BOSCATTI, Ana Paula Garcia. Habitar outras epistemologias. **Cadernos Pagu**, n. 62, p. 1-6 2021.
- CHUGHTAI, Bilal; SAWAS, Ahmed; O'MALLEY, Rebecca; NAIK, Rohan; KHAN, Ali; PENTYALA, Srinivas. A neglected gland: a review of Cowper's gland. **International Journal of Andrology**, v. 28, n. 2, p. 74-77, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1997. v.4.
- FERREIRA, Maíra; BRAZ Tatiana; MACHADO, Ana Maria; RIBEIRO, G; ANDRADE, Rosana. Correlação entre a incompetência esfíncteriana anal e a prática de sexo anal em homossexuais do sexo masculino. **Revista Brasileira de Coloproctologia**, v. 30, n. 1, p. 55-60, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001a.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; JANE, Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 67-82.
- HOOKS, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 114-123.

DOI: 10.46667/renbio.v17i1.1214

HOQUET, Thierry. Canguilhem e o novo normal. In: ARMILIATO, Vinícius; BOCCA, Francisco (org.). **Um lugar para o singular: Georges Canguilhem em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 157-173.

LEVIN, Roy. Prostate-induced orgasms: a concise review illustrated with a highly relevant case study. **Clinical Anatomy**, v. 31, n. 1, p. 81-85, 2018.

LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca. A contrassexualidade como superação das dicotomias de gênero e sexo. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 653-656, 2016.

LIEBERMAN, Daniel. **A história do corpo humano: evolução, saúde e doença**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MARIEB, Elaine; WILHELM, Patricia; MALLATT, Jon. **Anatomia humana**. 7.ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

MARTINI, Frederic; TIMMONS, Michael; TALLITSCH, Robert. **Anatomia humana**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MASTERS, William; JOHNSON Virginia. **Human sexual response**. Boston: Lippincott Williams & Wilkins, 1966.

MOORE, Keith; DALLEY, Arthur. **Anatomia orientada para a clínica**. 8. ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2019.

MILLER, William. **The anatomy of disgust**. Harvard University Press: Cambridge, 1997.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

Recebido em novembro de 2023.
Aprovado em maio de 2024.

Revisão gramatical realizada por: Fabia Duarte Nunes Barreto
E-mail: fabianunes@gmail.com